



UM IMPACTO DETERMINANTE PARA O FUTURO

Relatório de Atividades do Banco Europeu de Investimento 2017

© Banco Europeu de Investimento, 2018.

Todos os direitos reservados.

Todas as questões sobre direitos e licenciamento devem ser dirigidas a publications@eib.org

Foto de capa:

Pelicanos na zona de renaturalização do delta do Danúbio, na Roménia. Ver página 32.

O BEI agradece aos promotores e fornecedores a seguir mencionados a disponibilização das fotografias que ilustram o presente relatório:

© Shutterstock, Skeleton Technologies, Rewilding Europe,
EcoTitanium, Stefan Tuschy, Andreas Fritsch, Johannes Kassenberg, Vinci

A autorização de reprodução ou de utilização destas fotografias deve ser solicitada diretamente ao detentor dos direitos de autor.

Impresso na Imprimerie Centrale em papel MagnoSatin com tintas à base de óleos vegetais. O papel utilizado, certificado em conformidade com as regras do Forest Stewardship Council (FSC), é composto em 100 % de fibra virgem (50 % da qual provém de florestas bem geridas).

Subscreva o nosso boletim de informação eletrónico em www.eib.org/sign-up



Índice

4



Prefácio do Presidente

6



Factos marcantes de 2017

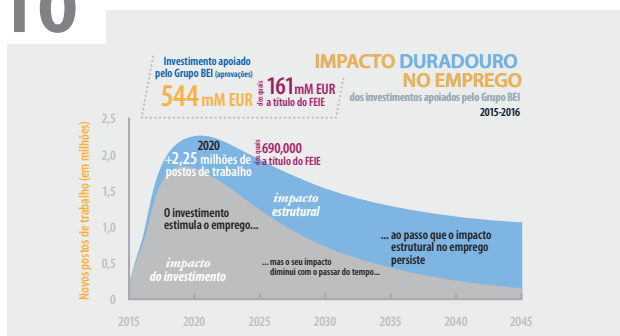
8



O que o BEI pensa

Quem paga o combate à cibercriminalidade?

10



O que o BEI faz

Impacto no emprego e no crescimento

10

12



INOVAÇÃO para a competitividade

Supercondensadores ou cascas de coco
Chipre: uma ilha dividida unida pela genética

14

16

18



Grandes investimentos em PEQUENAS empresas

Foguetões e dinossauros que tornam as
crianças mais inteligentes

Microfinanciamento para um refugiado sírio e um
professor de tango

20

22

24



INFRAESTRUTURAS para interligar a Europa

- Como Paris está a facilitar a mobilidade 26
- Uma linha de investimento para reparar condutas em Itália 28

30



Clima e ambiente para um futuro SUSTENTÁVEL

- Juros em forma de cavalos selvagens 32
- Uma cidade verde exemplar 34
- A reciclagem enquanto fonte preciosa de titânio para a Europa 36

38



O protagonista GLOBAL

- Uma vida nova para o Mar Morto 40
- Quando a Etiópia supera a Europa 42

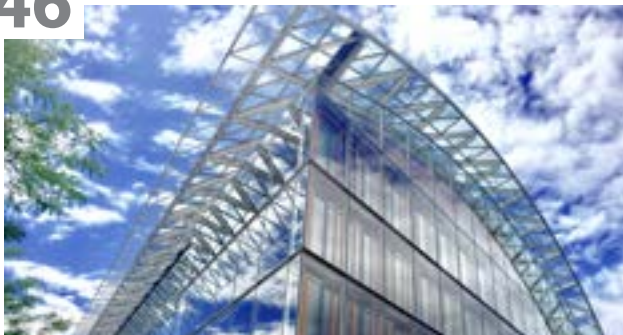
44



Origem dos FUNDOS do BEI

- Da China chegam boas notícias para o clima 45

46



Uma GOVERNAÇÃO sustentável, reativa e vigilante

- Classificação do financiamento sustentável 46
- À escuta: Mecanismo de Tratamento de Reclamações 48
- Sob vigilância: combate à fraude 50
- Quais os planos para o futuro? 52

Prefácio do **Presidente**



No momento em que a Europa emerge de uma década de incerteza e crescimento anémico, é altura de desviar as atenções da recuperação económica para as focar no aumento da competitividade, no grande valor do projeto da UE e no reforço das ferramentas que hão-de tornar a União mais resiliente no plano económico.

Para o Banco Europeu de Investimento, isso significa apoiar-se na sua posição-chave de banco da União Europeia e líder de mercado global em domínios como o clima, a inovação e as grandes infraestruturas.

Implica ainda prosseguir esforços no sentido de identificar projetos capazes de melhorar as condições de vida dos ci-

dadãos da UE e de outros países exteriores à União, onde os efeitos negativos das alterações climáticas e da falta de oportunidades económicas se fazem por vezes sentir com maior dureza. Significa também contribuir para lançar as bases de uma Europa mais forte, mais inovadora e mais competitiva.

Como instituição bancária, o BEI financia pontes e redes de banda larga, a energia solar e os supercondensadores. Também reflete profundamente sobre o papel que os projetos que financia desempenham na prosperidade futura da Europa. O Banco está particularmente focado na inovação e na forma como esta poderá marcar a próxima etapa gloriosa da evolução da sociedade humana. As ruturas podem ter efeitos positivos, mas devemos impedir que sejam fator de exclusão



«Para inovar, não basta de forma alguma ter ideias brilhantes. A inovação estrutura-se em torno dos diferentes tipos de financiamento necessários nas diversas fases do ciclo de vida de uma empresa. Em 2017, a atividade do BEI foi procurando cobrir cada uma destas fases.»

dos cidadãos. A inovação traz em si a promessa de que os extraordinários desenvolvimentos tecnológicos do presente venham a garantir o futuro da espécie humana e a proteger o nosso planeta. Devemos esforçar-nos mais por assegurar a inclusão, para que todos possam ser beneficiários da inovação.

Os economistas do BEI publicaram em novembro um relatório aprofundado sobre o investimento na Europa. E chegaram a duas importantes conclusões: as grandes empresas são duas vezes mais permeáveis à inovação do que as PME; e as jovens empresas inovadoras correm um risco 50 % mais elevado de sofrer restrições no acesso ao crédito. Atualmente, na Europa, ainda que uma pequena empresa tenha uma ideia inovadora, é-lhe difícil tornar-se num grande inovador, o que é sintoma

de que algo está a falhar. Uma pequena empresa até pode introduzir um produto inovador, mas na falta de capitais de crescimento e na atual conjuntura financeira, não terá condições para progredir. Esta situação demonstra que, para inovar, não basta de forma alguma ter ideias brilhantes. A inovação estrutura-se em torno dos diferentes tipos de financiamento necessários nas diversas fases do ciclo de vida de uma empresa. Em 2017, a atividade do BEI foi procurando cobrir cada uma destas fases, para atrair os diversos tipos de financiadores privados cujos investimentos impulsionam o crescimento das empresas inovadoras. Foi por este motivo, por exemplo, que o BEI aprovou um número recorde de empréstimos cujo montante médio foi claramente inferior ao das suas operações tradicionais. O Banco reconhece que tem de apoiar as pequenas empresas com empréstimos de menor montante, se pretende ter um maior impacto num segmento mais vasto da economia europeia.

O BEI está, de certa forma, acostumado a gerir situações de incerteza e de mudança. Em 2018, ao celebrar o sexagésimo ano de atividade, o BEI recorda os seus fundadores, que trabalharam num continente em plena reconstrução, no rescaldo da Segunda Guerra Mundial e num ambiente de Guerra Fria. Desde então, o BEI tem desempenhado um papel decisivo ao ajudar a Europa a cumprir a promessa de assegurar prosperidade aos seus cidadãos. As crises políticas do presente colocam-nos perante escolhas que deverão moldar os próximos sessenta anos. O nosso futuro tem de assentar na inovação, se quisermos vencer os desafios demográficos da nossa União e ser mais competitivos. O presente relatório revela de que forma, em setores estratégicos fundamentais, o BEI pretende preservar a força da Europa, consolidando a sua posição na vanguarda da inovação à escala global.

Werner Hoyer

2017 **FACTOS MARCANTES**

O Grupo Banco Europeu de Investimento é o maior mutuante e mutuário multilateral do mundo: presta aconselhamento e concede financiamento a investimentos sustentáveis à escala global. Na qualidade de banco da UE, tem por acionistas os Estados-Membros da União e representa os seus interesses na aplicação das políticas da UE.

O Banco assinala o seu 60.º aniversário em 2018. A atividade da Instituição em 2017, descrita no presente relatório, demonstra a capacidade do Grupo BEI para responder a novos desafios de grande envergadura:

- Ao longo do ano, o Banco empenhou-se em ampliar o alcance da sua **Iniciativa de Resiliência Económica**, que visa aumentar o financiamento aos países da vizinhança meridional da UE e dos Balcãs Ocidentais em 6 000 milhões de EUR durante cinco anos.
- O Fundo Europeu para Investimentos Estratégicos, através do qual o Banco realiza investimentos apoiados por uma garantia orçamental da UE para fomentar a economia europeia, superou as expectativas iniciais quando, em dezembro, o Parlamento Europeu votou a prorrogação e o aumento deste instrumento. Esta decisão reforça o apoio prestado pelo FEIE, uma componente do Plano de Investimento para a Europa criado para responder às insuficiências do mercado reveladas pela crise financeira de 2008, que deverá elevar-se a 500 000 milhões de EUR de investimentos até ao final de 2020.

O Plano de Investimento para a Europa em 2017

21 mM EUR de financiamento aprovado

295 operações aprovadas

93 mM EUR de investimento mobilizado no âmbito do FEIE

500 mM EUR de investimento apoiado previsto até ao fim de 2020



Christos Pierdas a receber tratamento para a esclerose múltipla com Maria Charalampous, fisioterapeuta do Instituto de Neurologia e Genética de Chipre. Ver a história na página 16.



Grupo BEI

78,16 mM EUR
de financiamento total

29,6 mM EUR
para as PME

18,0 mM EUR
para as infraestruturas

16,7 mM EUR
para o ambiente

13,8 mM EUR
para a inovação

Total do investimento apoiado

250 mM EUR
em **901** projetos aprovados

O que o BEI **pen**sa



Quem paga o combate à ciber-criminalidade?

O banco da UE está a investir em novas empresas de cibersegurança que sabem como travar a cibercriminalidade

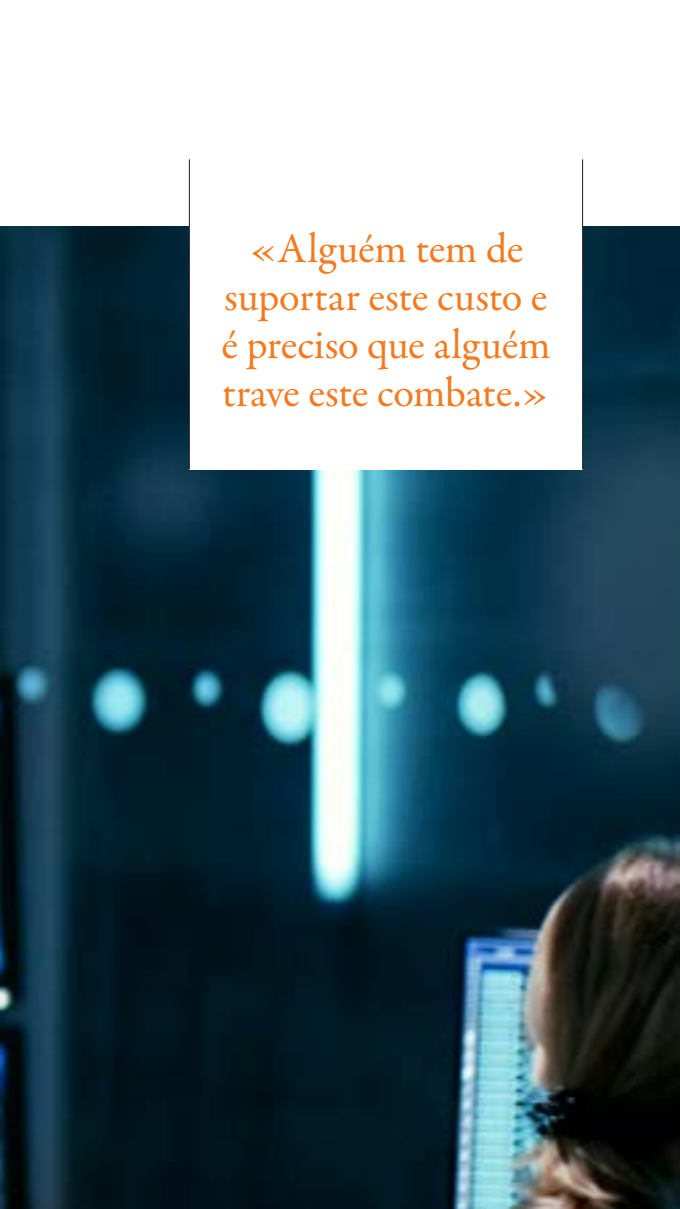
Anders Bohlin gosta de comparar os perigos do cibercrime com uma cidade que constrói muitas ruas, mas se esquece de instalar semáforos.

«Foi o que aconteceu com a cibersegurança. Esquecemo-nos de instalar semáforos, e agora assistimos a todos esses ataques maliciosos», reconhece Bohlin, um especialista em sistemas digitais do Banco Europeu de Investimento, que trabalha com empresas de tecnologias da informação e comunicação.

Ao longo dos últimos anos, os ataques cibernéticos ameaçaram milhares de empresas e dados privados de milhares de milhões de pessoas em todo o mundo. O ataque «WannaCry»

bloqueou computadores em hospitais e empresas por todo o mundo. Piratas informáticos roubaram dados de milhares de milhões de utilizadores da Uber e da Yahoo. A Rússia foi acusada de utilizar a cibercriminalidade para interferir nas eleições nos Estados Unidos e na Europa.

Afinal, por que razão devemos preocupar-nos tanto com o combate à cibercriminalidade? Para além de representarem uma ameaça para os nossos dados pessoais, os ataques cibernéticos causam milhares de milhões de dólares de prejuízos à economia mundial. De acordo com a Comissão Europeia, em 2017, ocorreram mais de 4 000 ataques de cibercrime por dia na Europa e 80 % das empresas europeias registaram pelo menos um incidente de segurança cibernética.



«Alguém tem de suportar este custo e é preciso que alguém trave este combate.»

A cibersegurança tornou-se uma prioridade

Em resposta aos riscos crescentes, o BEI conferiu prioridade ao combate à cibercriminalidade.

«Temos procurado ativamente ajudar o setor da cibersegurança», afirma Jussi Hätönen, chefe da unidade do Banco que investe em empresas jovens e inovadoras. «Se olharmos para qualquer setor industrial, tudo está a mudar para o digital. Esta evolução fez disparar os volumes de dados, cuja segurança importa preservar.»

O Banco concluiu vários contratos no domínio da cibersegurança. Em dezembro de 2017, assinou dois empréstimos com as empresas suecas Nexus Group e Clavister, tendo em vista o desenvolvimento de *software* de cibersegurança mais avançado e a criação de sistemas de identificação mais eficazes. Ambas as operações enquadram-se no âmbito do Fundo Europeu para Investimentos Estratégicos, uma iniciativa que visa

promover o crescimento na UE através da colaboração com empresas mais jovens e mais inovadoras.

O Banco emprestou 29 milhões de EUR à Nexus para ajudar a acelerar o desenvolvimento dos seus produtos de gestão de identidades e de acessos. A tecnologia «Smart ID» da Nexus permite que as pessoas se identifiquem visualmente, iniciem sessão, abram portas de acesso, assinem transações eletronicamente e efetuem pagamentos com um cartão ou outro dispositivo móvel.

Lars Pettersson, diretor-geral da Nexus, afirma que a sua tecnologia Smart ID é o «Santo Graal» contra as ciberameaças, pois liga os mundos físico e digital com um dispositivo que confere ao utilizador acesso à sua própria casa, escritório, computador, a contas de e-mail, a serviços de computação em nuvem, à garagem do seu automóvel e muito mais.

O BEI concedeu um empréstimo de 20 milhões de EUR para apoiar a Clavister, cujos produtos de *firewall* protegem os pontos de entrada nas redes de computadores e bloqueiam os piratas informáticos antes mesmo de lançarem os seus ataques. Esta empresa é uma das líderes mundiais em cibersegurança.

Em outubro de 2017, o Banco também assinou uma operação de 20 milhões de EUR com a CS Communication & Systèmes, uma sociedade francesa que ajuda as empresas a detetar e a evitar os ataques informáticos. O BEI concedeu um empréstimo de 25 milhões de EUR à empresa franco-alemã Qwant, que desenvolveu um motor de busca capaz de proteger os dados pessoais dos utilizadores.

«Todos precisamos de ter cuidado»

Anders Bohlin não gosta de falar do assunto, mas também foi vítima de cibercrime. Quando trabalhava numa empresa tecnológica sueca, há 14 anos, descobriu um dia que piratas informáticos se haviam infiltrado no seu computador pessoal num chamado «ataque zombie» e estavam a enviar remotamente e-mails de *spam*. «Foi muito desconfortável para mim, mas também me serviu de lição de que todos precisamos de ter cuidado, não apenas as empresas», reconhece Bohlin.

A cibercriminalidade vai tornar-se mais difícil de combater ao longo da próxima década, à medida que a tecnologia avança e se torna mais complexa, preveem os responsáveis do BEI. A batalha não será fácil de vencer.

«No fim de contas, o cibercrime causa prejuízos consideráveis não só para as empresas, mas também para as pessoas», afirma Jussi Hätönen. «Alguém tem de suportar este custo e é preciso que alguém trave este combate.»

O BEI estará a apoiá-los na linha da frente.

O que o BEI faz

Impacto no emprego e no crescimento

A economia europeia precisava de um «abanão» para recuperar algum do fulgor que perdeu com a crise financeira. O Plano de Investimento para a Europa foi criado para proporcionar esse impulso. Os nossos modelos económicos provam que está a funcionar.

Os economistas do BEI utilizaram um modelo económico comprovado para avaliar o impacto futuro dos investimentos apoiados por todas as suas operações durante o biénio 2015-16, bem como dos empréstimos que concedeu especificamente ao abrigo do Fundo Europeu para Investimentos Estratégicos, no quadro do Plano de Investimento para a Europa. Concluíram que o financiamento concedido pelo Banco terá provavelmente um impacto considerável na economia europeia.

Até 2020, o financiamento global aprovado pelo Grupo BEI na UE em 2015-2016 deverá:

- apoiar 544 000 milhões de EUR de investimento,
- **acrescentar 2,3 % ao PIB,**
- **criar mais 2,25 milhões de postos de trabalho.**

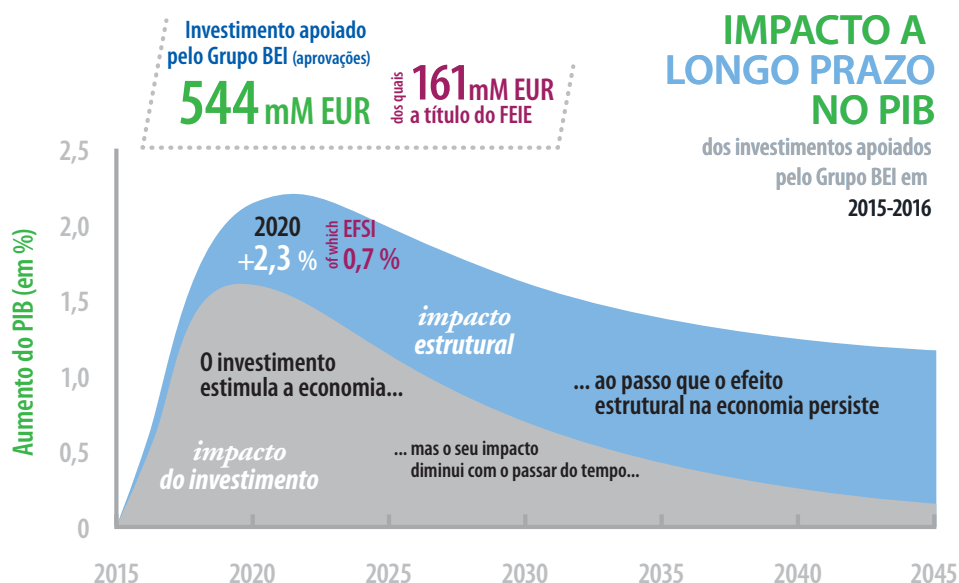
Até 2020, os empréstimos do Grupo BEI aprovados no âmbito do Plano de Investimento antes do final de 2016 deverão:

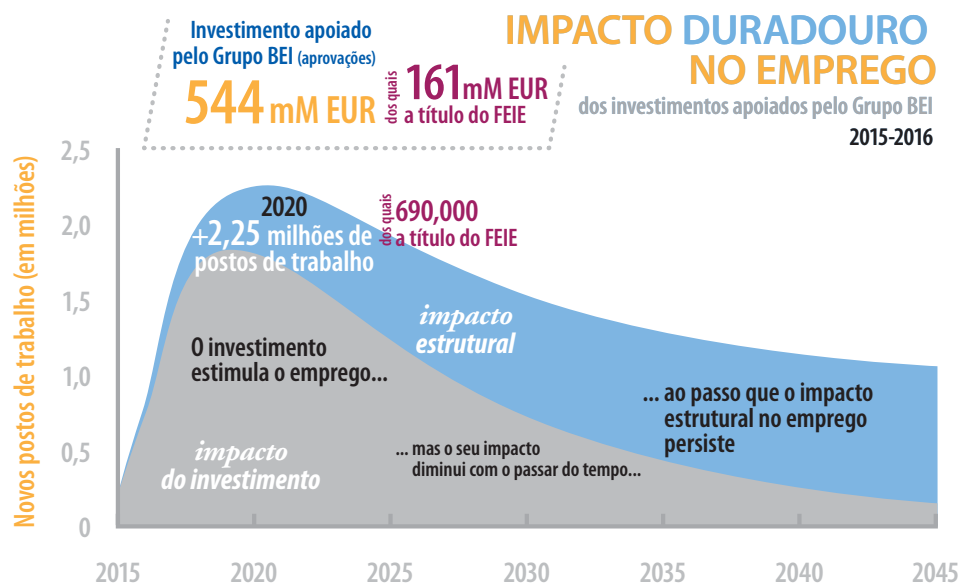
- apoiar 161 000 milhões de EUR de investimento,
- **acrescentar 0,7 % ao PIB da UE,**
- **criar mais 690 000 postos de trabalho.**

As conclusões do BEI demonstram que os empréstimos do Grupo BEI – quer sejam concedidos em períodos de conjuntura económica favorável ou desfavorável – lançam as bases para o crescimento a longo prazo, para além de proporcionarem um estímulo imediato à economia. «O nosso objetivo principal é o reforço da competitividade da UE e o crescimento a longo prazo», afirma Debora Revoltella, diretora do Departamento de Assuntos Económicos do Banco. «Estas conclusões revelam que, a longo prazo, teremos uma economia europeia muito mais sólida, independentemente do ciclo económico.»

Sucesso no combate às insuficiências do mercado

É importante que o Grupo BEI avalie o impacto das suas operações, para que possa garantir que o financiamento que concede beneficia efetivamente os cidadãos da UE. Os empréstimos do banco da UE ao abrigo do Plano de Investimento são vistos com bons olhos em Bruxelas, que prorrogou o programa e ampliou a sua dimensão. O Fundo Europeu para Investimentos Estratégicos, operacionalizado pelo BEI, teve início em meados de





«O Plano colocou a economia em movimento, gerando uma dinâmica que é autossustentável.»

2015. É apoiado por uma garantia do orçamento da UE e foi inicialmente concebido para mobilizar 315 000 milhões de EUR de investimento ao longo de três anos. Esse objetivo foi alargado para 500 000 milhões de EUR até 2020.

O Fundo tem por finalidade apoiar empresas que, de outra forma, teriam dificuldade em obter financiamento bancário e está direcionado para as áreas fundamentais da inovação e das pequenas empresas. «Construímos este programa para responder a uma crise marcada por insuficiências específicas no mercado», esclarece Natacha Valla, chefe da divisão de Política e Estratégia do BEI. «Este estudo demonstra que estamos a fazer a diferença.»

Pressupostos conservadores

Para medir o impacto da sua atuação, os economistas do BEI tiveram de contabilizar a complexa interação entre as operações do Banco e outras atividades económicas. Os economistas do BEI associaram-se ao Centro Comum de Investigação da Comissão Europeia em Sevilha e aplicaram um modelo económico designado por RHOMOLO para calcular se o financiamento público cada vez mais escasso estava a ser utilizado de forma eficaz. «Fomos conservadores nos pressupostos que adotamos no modelo», explica Georg Weiers, economista do BEI que trabalhou no estudo, «e apesar disso, os resultados do impacto são muito significativos».

O estudo revela que, uma vez dissipado o impulso inicial na economia, o Plano de Investimento continuará a ter um forte efeito estrutural sobre a economia a longo prazo, à semelhança do que acontece com outros empréstimos do Grupo BEI.

Até 2036, os investimentos apoiados pelos **empréstimos do Grupo BEI aprovados no âmbito do Plano de Investimento** antes do final de 2016 deverão:

- **acrescentar 0,4 % ao PIB,**
- **criar mais 344 000 postos de trabalho.**

O investimento global apoiado por empréstimos aprovados pelo Grupo BEI no mesmo período de 2015-16 terá um impacto ainda maior decorridos 20 anos. Deverá:

- **acrescentar 1,5 % ao PIB,**
- **criar mais 1,3 milhões de postos de trabalho.**

«O impacto é significativo e persiste ao longo do tempo», afirma Natacha Valla. «Daqui a 20 anos, continuarão a existir postos de trabalho decorrentes desses investimentos. Esse é um resultado positivo essencial do Plano de Investimento e de todas as operações do Banco.»

Inovação para a competitividade





13,8 mM EUR

para **inovação e**
competências

- **7,44** milhões de ligações digitais de muito alta velocidade, novas ou modernizadas
- **1,1** milhões de estudantes com instalações melhoradas

Os cofundadores da Skeleton, Taavi Madiberk (à esquerda) e Oliver Ahlberg

Supercondensadores ou cascas de coco

A casca de coco carbonizada tem sido o ingrediente principal usado em poderosos dispositivos para armazenar energia. Agora, uma empresa fundada na gélida Estónia descobriu como construir um supercondensador sem recorrer a este fruto tropical.

« O problema das cascas de coco é que a distribuição e o tamanho dos seus poros são, naturalmente, muito variáveis», esclarece Taavi Madiberk, diretor-geral da Skeleton Technologies, uma empresa estabelecida na Estónia. Seria de esperar que, neste país, o principal problema das nozes-de-coco fosse a baixa probabilidade de as encontrar, mais do que a qualidade das suas cascas. O que realmente surpreende é que uma empresa deste país nórdico esteja prestes a solucionar este problema verdadeiramente importante dos cocos.

Esta questão das nozes-de-coco é, de facto, um problema que envolve vários milhares de milhões de euros, se considerarmos a dimensão do mercado dos supercondensadores, que são dispositivos destinados a armazenar energia. Espera-se que, até 2024, este setor cresça para os 6 000 milhões de EUR. Por enquanto, estes dispositivos têm sido fabricados com carvão ativado gerado pela carbonização de cascas de coco. Até que a Skeleton Technologies desenvolveu uma alternativa inorgânica bastante mais eficiente. Em 2017, esta empresa recebeu um empréstimo de 15 milhões de EUR do BEI para prosseguir a sua atividade de I&D, uma operação que beneficia da garantia orçamental da UE ao abrigo do Plano de Investimento para a Europa.

Porque não continuar simplesmente a usar cascas de coco?

Quando uma casca de coco é carbonizada, produz carbono que, finamente espalhado sobre uma folha de metal e exposto a iões carregados eletricamente, pode armazenar os iões nos seus poros. Quanto maior a densidade dos poros do carbono, cujo tamanho tem de ser o correto, mais energia consegue armazenar por grama de



«Os supercondensadores constituem a espinha dorsal, o esqueleto de um sistema energético.»



material. O problema é que, dependendo da meteorologia e da época da colheita, as cascas de coco carbonizadas apresentam uma densidade variável de poros.

Com a sua tecnologia exclusiva que permite sintetizar carbono a partir de carbonetos inorgânicos, a Skeleton Technologies consegue ajustar a porosidade do carbono. O resultado são folhas encurvadas com a espessura de um átomo, em que cada grama contém cerca de 2 000 metros quadrados de área uniformemente porosa para armazenar iões. O processo

utilizado pela Skeleton para fixar depois o carbono à folha de alumínio e empilhar ou enrolar essas folhas, comprimindo-as em células, permite produzir supercondensadores com uma densidade de potência quatro vezes superior à dos concorrentes à base de coco. O nome «Skeleton» deriva, por sinal, do facto de que, ao microscópio, o material produzido pela empresa se assemelha a um esqueleto humano. «Os supercondensadores constituem a espinha dorsal, o esqueleto de um sistema energético», acrescenta Taavi Madiberk.



Chipre: uma ilha dividida unida pela genética

O Instituto de Neurologia e Genética de Chipre reforça a investigação e os cuidados terapêuticos para ambas as comunidades cipriotas – grega e turca

Quando Joseph Ioannou tinha seis meses de idade, os médicos do Instituto de Neurologia e Genética de Chipre, em Nicósia, diagnosticaram-lhe uma atrofia muscular espinhal, uma doença que afeta os neurónios motores da espinal medula e conduz à debilidade muscular. Acontece que, numa cidade dividida por uma invasão que ocorreu quase duas décadas antes do seu nascimento, Joseph Ioannou nasceu cipriota grego. Para os médicos do Instituto, isso é completamente irrelevante. «Os cipriotas gregos e os cipriotas turcos padecem das mesmas doenças», afirma o Professor Leonidas Phylactou, geneticista e diretor-geral do Instituto. «Tratar ambas as comunidades faz parte da nossa missão.»

Há 29 anos que Joseph Ioannou recebe os necessários cuidados de carácter vital no Instituto, onde é acompanhado por um neurologista, um pneumologista, um cardiologista e um nutricionista. Tem também sessões regulares de fisioterapia. Durante este tempo concluiu os seus estudos em ciências informáticas e fundou a sua própria empresa de reparação de computadores pessoais. Joseph está noivo e o seu sonho é constituir família. «Se não tivesse sido tratado no Instituto, a minha condição física seria muito pior», reconhece. «Com a orientação e o acompanhamento do Instituto, desfruto de uma melhor qualidade de vida. Sou produtivo. Posso sonhar e fazer planos para o futuro.»

Ioannou é um dos 12 000 utentes do Instituto, situado numa encosta em Nicósia, perto da chamada «Linha Verde», que divide a ilha entre a área controlada pela República de Chipre e o território ocupado pela Turquia desde 1974. O Instituto realiza 40 000 testes de laboratório por ano, lutando contra doenças genéticas conhecidas a nível mundial, como a esclerose múltipla, bem como algumas que têm sido particularmente prevalentes em Chipre, como a doença hematológica talassemia. Fundado em 1990, o Instituto é também um centro de pesquisa de tratamentos para este tipo de doenças. Mais importante ainda, é um «salva-vidas» para a população. «Sem o Instituto, a vida dessas pessoas seria, na melhor das hipóteses, muitíssimo difícil», afirma o Professor Phylactou. «Atrevo-me a dizer que algumas dessas pessoas não teriam sobrevivido», acrescenta o geneticista de 47 anos.

Para além da saúde, um impacto social

À semelhança de muitos estabelecimentos médicos importantes, o Instituto exerce uma influência que se estende muito

para além da saúde dos seus pacientes. O seu impacto na vida social e económica de Chipre é significativo, não só porque mantém as pessoas saudáveis para exercerem a sua atividade profissional, como evita que se tornem um fardo para as suas famílias e um encargo para o Estado. O diagnóstico pré-natal da talassemia realizado pelo Instituto, por exemplo, permitiu reduzir a taxa de prevalência dessa patologia «praticamente para zero» em crianças recém-nascidas, informa o Professor Phylactou.

Para continuar a desenvolver a sua importante atividade, o Instituto de Neurologia e Genética de Chipre está a aplicar um programa de expansão no montante de 40 milhões de EUR destinado à modernização da sua capacidade de investigação



«Os cipriotas gregos e os cipriotas turcos padecem das mesmas doenças. Tratar ambas as comunidades faz parte da nossa missão.»



e à renovação das instalações de tratamento e reabilitação de utentes. O BEI financia 26 milhões de EUR do custo do programa através de um empréstimo que visa principalmente apoiar o trabalho de investigação e desenvolvimento do Instituto. «Trata-se de um centro de investigação muito importante», observa Nicos Yiambides, gestor de empréstimos do BEI em Chipre. «É também muito positivo o facto de trabalhar com ambas as comunidades cipriotas.»

O BEI, o banco da UE, financiou um conjunto de estabelecimentos médicos e de investigação em Chipre, no âmbito de uma campanha mais vasta para fomentar a economia da ilha, que foi devastada por uma crise bancária em 2012 e 2013. Um desses estabelecimentos é o German Oncology Centre, inaugurado no outono de 2017 em Limassol e financiado pelo BEI através de um intermediário local.

Nos últimos cinco anos, o Grupo BEI assinou financiamentos no montante de 1,7 mil milhões de EUR em favor de Chipre, nomeadamente grandes empréstimos orientados para a investigação, financiamento de infraestruturas e empréstimos vocacionados para as pequenas empresas. Só em 2017, os

empréstimos totalizaram 333 milhões de EUR, equivalentes a 1,8 % do PIB da ilha, a percentagem mais elevada de todos os Estados-Membros da UE.

Mais informações em linha sobre o BEI e a Inovação

- O chocolate da Letónia que faz bem ao coração: eib.org/cardiac-chocolate
- Testes de diagnóstico que demoram apenas três horas em vez de três dias: eib.org/molecular-diagnostics



Grandes investimentos em PEQUENAS **empresas**





29,6 mM EUR

para as pequenas e
médias empresas

- 285 800 PME e *mid-caps* apoiadas
- 3,9 milhões de postos de trabalho preservados em PME e *mid-caps*

Foguetões e dinossauros que tornam as crianças mais inteligentes

Se é viscoso, ruidoso, estranho ou malcheiroso, as crianças vão adorar.

Foi o que Miguel Pina Martins percebeu há 10 anos, quando estava à procura de uma nova carreira. Sentia que os brinquedos científicos não proporcionavam às crianças aquilo de que precisavam. Por isso, deixou um emprego promissor no setor financeiro e lançou a sua própria empresa para oferecer algo diferente. «Investi todo o dinheiro que tinha no meu novo projeto», explica Miguel Pina Martins.

Hoje, a sua empresa, a Science4You, nos arredores de Lisboa, tem uma oferta de centenas de brinquedos e emprega mais de 200 pessoas. Em 2008, as vendas da empresa totalizavam 54 000 EUR. Em 2017, prevê-se que alcancem os 20 milhões de EUR.

Levar os brinquedos científicos até ao limite

Que fez então Miguel Pina Martins de diferente? Tornou os brinquedos científicos mais divertidos e originais. Atribuiu aos brinquedos nomes como «Ciência Explosiva», «Fábrica de Rockets» ou «Fábrica Viscosa de Pega Monstros». O conceito foi desenvolvido a partir do seu projeto de final de curso na universidade, em Lisboa, que tinha por objeto encontrar um novo mercado para os brinquedos científicos. «Tentámos encontrar atividades divertidas para as crianças, tais como fazer sabonetes, pega-monstros, foguetões, guloseimas e explosões e, ao mesmo tempo, mostrar-lhes novas maneiras de o fazer», explica.

Os brinquedos de Pina Martins são divertidos ou mesmo insólitos, mas servem também para divulgar a Ciência, nomeadamente a Química e a Física, às crianças, ao mesmo tempo que promovem a criatividade e as competências sociais. Os jogos também estimulam a curiosidade e a tomada de consciência das crianças sobre o mundo que as rodeia. A empresa publica o *blog* Science4You, que explica aos pequenos cientistas o porquê de bocejarmos, porque é que as melgas picam e qual a importância dos triângulos.

O BEI concedeu um empréstimo de 10 milhões de EUR à Science4You para apoiar o crescimento da empresa. O empréstimo

O empresário português que deixou o emprego no setor financeiro para se dedicar aos brinquedos

insere-se no Plano de Investimento para a Europa, que visa impulsionar pequenas empresas inovadoras que os bancos comerciais consideram sem provas dadas ou de risco demasiado elevado. «A Science4You é uma empresa de rápido crescimento que começou como um projeto universitário e, de ano para ano, tem vindo a crescer e a mostrar resultados financeiros positivos», revela Francisco Alves da Silva, o gestor de empréstimos do BEI que concluiu o acordo. A Science4You conjugará o empréstimo do BEI com 10 milhões de EUR de capitais próprios para investir em melhores equipamentos de montagem de brinquedos, aumentar as vendas e promoções *on-line* e conceber novos brinquedos. A empresa, que vende 40 % dos seus jogos e brinquedos em Portugal, aplicará também o financiamento na expansão a nível europeu e mundial.

Maximizar as capacidades cognitivas

Além de perfumes, sabonetes e massa viscosa, a Science4You oferece *kits* de brinquedos dedicados à beleza, à medicina, aos dinossauros, à química, aos foguetões, às explosões, aos cristais e à culinária. Cada *kit* é concebido com base em estudos científicos e inclui manuais de instruções coloridos e detalhados, que explicam as experiências e a investigação.

A empresa chega a ser divertida na sua publicidade. Os vídeos sobre a Fábrica de Perfumes, a Fábrica de Batons ou a Ciência Explosiva apresentam um cientista que, ao juntar um líquido a outro, faz explodir o laboratório. «Acreditamos que alcançamos o equilíbrio certo entre educação e diversão quando os progenitores compram um brinquedo educativo e as crianças querem de facto brincar com ele», assevera Miguel Pina Martins. «É sempre muito difícil encontrar este equilíbrio.»

«Tentámos encontrar atividades divertidas para as crianças, tais como fazer sabonetes, pega-monstros, foguetões, guloseimas e explosões e, ao mesmo tempo, mostrar-lhes novas maneiras de o fazer.»



Vera Marques (à esquerda) e Madalena Ribeiro da Science4You realizando uma experiência divertida na festa de aniversário da Carlota Costa.

Microfinanciamento para um refugiado sírio e um professor de tango

A Microlux dá às pessoas socialmente excluídas no Luxemburgo uma oportunidade para criarem a sua própria empresa

Depois de um ano a trabalhar numa farmácia no Luxemburgo, o refugiado sírio Mahmoud Al-Fayyad ouviu falar de uma empresa local de microfinanciamento, a Microlux. «Sempre adorei cozinhar», recorda. «Então, porque não haveria de aventurar-me? Afinal de contas, a cozinha é uma excelente ponte para a partilha de culturas.» A comida servida no restaurante que Mahmoud abriu é toda caseira e confeccionada por mulheres refugiadas sírias. O «Syriously» tem capacidade para acomodar 100 comensais, num edifício que o proprietário disponibilizou pela simbólica quantia de um euro depois de ter conhecido Mahmoud através da Cruz Vermelha Luxemburguesa. Está muitas vezes totalmente reservado para as duas refeições da noite.

«Neste momento, tenho oito empregados e decidi reembolsar o empréstimo em dois anos», afirma Mahmoud. «Este microcrédito ajudou-me a iniciar uma nova vida e a contribuir para a economia do país que me acolheu. Estou muito grato a todas as pessoas que confiaram em mim e me apoiaram desde o início.»

Desde março de 2016, a Microlux, uma instituição de microcrédito apoiada pelo Fundo Europeu de Investimento graças ao Programa da UE para o Emprego e a Inovação Social, tem vindo a dar esperança aos pequenos empresários do Luxemburgo. Ainda que seja um país rico com forte crescimento, no Luxemburgo também existem algumas bolsas de precariedade e pobreza. Nenhuma instituição local de microfinanciamento estava anteriormente vocacionada para o Luxemburgo.

O FEI, que faz parte do Grupo BEI, estima o número potencial de pedidos de empréstimo no Luxemburgo em 400 ao longo de cinco anos. É um número significativo, declara Karin Schintgen, que representa o BGL BNP Paribas, principal acionista da Microlux, pois «na Europa, 30 % das novas micro e pequenas empresas são lançadas por pessoas desempregadas».

Uma paixão pelo tango

Graças a um empréstimo de 10 000 EUR concedido pela Microlux, Rodolfo Aguerrrodi trouxe o tango da sua cidade de



origem, Buenos Aires, para o Luxemburgo, cidade onde vive há três anos e onde criou a Dance Factory. «Comecei por dar aulas nos clubes das instituições europeias, mas cedo senti a necessidade de imprimir profissionalismo à modalidade», recorda Rodolfo Aguerrodi.

Paga uma prestação de 258 EUR por mês. É uma quantia modesta, mas é também o tipo de crédito que mantém oleada a economia europeia. «Podíamos ter continuado a trabalhar sem o empréstimo, mas este permitiu-nos manter a cabeça à tona de água e concentrar-nos na nossa atividade essencial», explica.

Rodolfo Aguerrodi emprega oito professores e tem a Dance Factory esgotada quase todos os dias da semana, incluindo aulas de dança terapêutica para doentes de Parkinson e de Alzheimer.

Fica assim demonstrado que, mesmo num país geralmente rico como o Luxemburgo, existe procura para o microcrédito.

«Estou muito grato a todas as pessoas que confiaram em mim e me apoiaram desde o início.»

Mais informações em linha sobre o BEI e as PME



• Na Internet poderá encontrar mais *cartoons* da série «The Brood» dedicada às empresas *start-up*, da autoria do artista estoniano Matis Ots, em eib.org/startup-cartoon

• Conheça a empresa sueca «iZettle» que facilita o pagamento das contas dos seus clientes em eib.org/izettle

Infraestructuras para interligar a Europa





18mM EUR

para infraestruturas

- **10 924** MW de nova capacidade de produção de eletricidade
- dos quais, **99,6** % provêm de fontes renováveis
- **76 557** km de linhas elétricas construídas ou modernizadas
- **36,8** milhões de contadores inteligentes instalados
- **10,4** milhões de habitações ligadas à rede elétrica
- **572 324** habitações sociais ou a preços acessíveis construídas ou renovadas
- Mais **735** milhões de passageiros em transportes financiados pelo BEI
- **45,7** milhões de pessoas com melhores serviços de saúde

Uma bicicleta da Vélib em Paris

Como Paris está a facilitar a mobilidade

A mobilidade é uma preocupação diária para David Pena, que vive numa pequena cidade ribeirinha cerca de 30 km a oeste de Paris. «Não é raro eu chegar à estação e ser confrontado com atrasos ou verificar que o comboio foi cancelado», afirma o engenheiro de helicópteros, de 42 anos de idade.

O *Métro* de Paris é muitas vezes classificado entre os melhores metropolitanos do mundo, e um inquérito internacional recente colocou a cidade entre as primeiras dez no que respeita à mobilidade urbana. A região parisiense enfrenta, no entanto, enormes desafios. «O sistema de Paris, tal como o de Londres, é já muito antigo», explica Caroline Lemoine, engenheira de transportes no BEI. «A modernização da rede e a sua expansão contínua, com vista à melhoria do nível de serviço e ao aumento da acessibilidade, exigem um enorme investimento para o qual o BEI está a prestar o seu contributo.»

A região designada por Île-de-France, que se estende do centro aos subúrbios da capital francesa, tem uma população próxima dos 12 milhões de habitantes, que triplicou ao longo do século passado. Na rede de transportes da região de Paris fazem-se diariamente mais de 8 milhões de trajetos. O aumento da população contribuiu para a escalada dos preços dos imóveis, forçando muitos residentes a mudar-se para áreas distantes até 40 km da cidade e com menos ligações de transportes. «Estamos a lidar com problemas que datam de há mais de um século e a encontrar soluções na atualidade», afirma Laurence Debrincat, especialista em mobilidade parisiense da Île-de-France Mobilités, entidade gestora da rede de transportes da região.

Preparar o futuro

Há décadas que o banco da UE ajuda Paris a investir nos transportes. Entre as principais operações mais recentes contam-se:

- 800 milhões de EUR em empréstimos do BEI para reativar as linhas de elétricos
- 200 milhões de EUR para apoiar os veículos elétricos da Autolib'
- um total de 2 500 milhões de EUR para financiar parte do ambicioso projeto conhecido por Grand Paris Express, considerado um dos maiores planos de expansão de rede metropolitana do mundo.

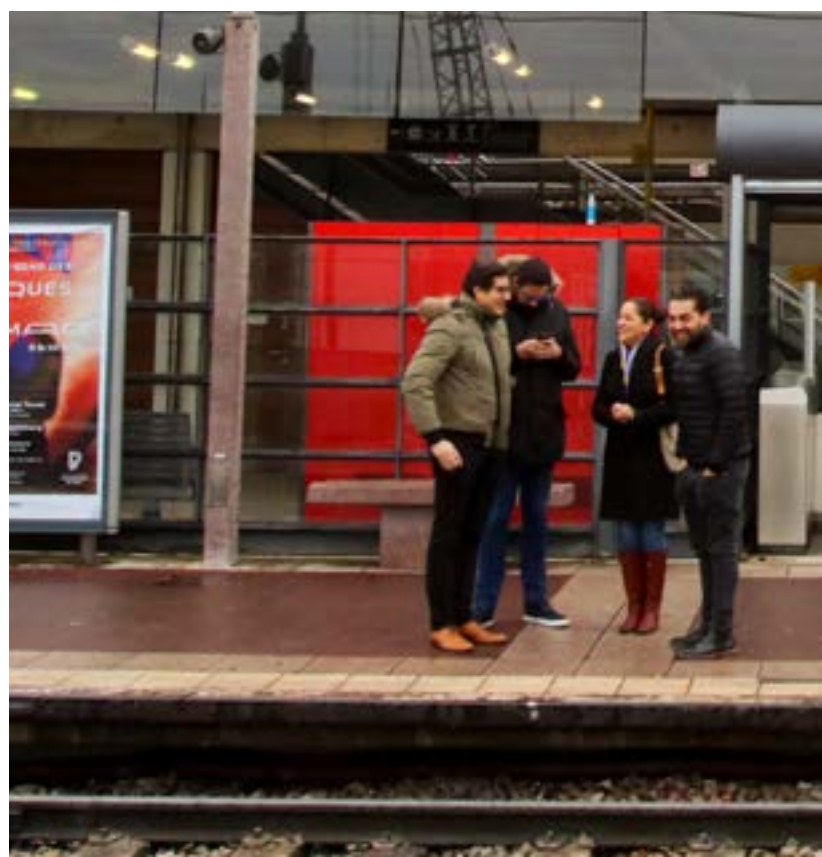
Serão necessários milhares de milhões de euros, mas Paris está a projetar a rede de transportes do futuro

O Grand Paris Express duplicará a dimensão do *Métro* de Paris, adicionando 200 km de linhas e mais de 70 estações. O projeto tem por finalidade:

- interligar os subúrbios isolados,
- descongestionar o tráfego diário que contribui para a poluição atmosférica,
- ligar os parques empresariais, os aeroportos e as universidades,
- ligar a Paris os subúrbios que, de outra forma, ficariam isolados.

«O projeto Grand Paris Express vai demorar muito tempo a concluir, mas dotará a cidade de uma das melhores redes de transporte do mundo», assegura Laurence Debrincat.

O RER, comboio suburbano que serve as zonas periféricas, está também a ser modernizado, com novas carruagens e sinalização. A linha A do RER, com mais de 100 km de extensão, é a mais movimentada da Europa, transportando 1,2 milhões de passageiros por dia. Esta linha, que liga os subúrbios ocidental e oriental passando pelo centro de Paris, está a ser renovada de 2015 a 2020. No âmbito deste projeto serão substituídos 24 km de vias férreas.



«A rede ferroviária suburbana está realmente a necessitar de obras de manutenção», declara Laurence Debrincat. «Mudar as linhas férreas e a sinalização elétrica custará milhares de milhões de euros, mas é uma obra que já deveria ter sido feita há muitos anos.»

Paris tem também um dos mais bem sucedidos projetos de partilha de bicicletas do mundo. Envolve cerca de 14 500 bicicletas em 1 230 estações. Desde o final dos anos 90 que a cidade tem vindo a ampliar a sua rede de ciclovias, cuja extensão atingiu entretanto quase 700 km.

Está a expandir as suas linhas de autocarros elétricos, com o objetivo de, até 2025, ter uma frota composta em 80 % por veículos elétricos e os restantes a biogás. Paris possui já uma linha totalmente elétrica servida por 23 autocarros.

Importa não esquecer o serviço de partilha de automóveis elétricos Autolib', que arrancou em 2011 e disponibiliza quase 4 000 veículos na região parisiense, com mais de 100 000 utilizadores registados. O banco da UE financiou a investigação e o desenvolvimento das baterias dos automóveis da Autolib' e a implantação do serviço.

David Pena, que vive nos subúrbios ocidentais, declara-se otimista sobre o futuro da mobilidade em Paris – e do seu trajeto diário. Existem planos para trazer os comboios suburbanos do RER à sua pequena vila. «A França está definitivamente na linha da frente no aproveitamento das novas tecnologias», afirma, «mas precisa ainda de melhorar».



«O projeto Grand Paris Express dotará a cidade de uma das melhores redes de transporte do mundo.»



Uma linha de investimento para reparar condutas em Itália

Financiamento concedido aos operadores italianos no setor da água ajuda a modernizar reservatórios com fugas e condutas obsoletas

Pouco choveu em Roma durante a primavera e o verão de 2017. A escassa pluviosidade e as altas temperaturas reduziram a quantidade de água disponível para os habitantes da capital italiana, que temiam o tipo de racionamento de água já implementado em várias outras cidades do centro do país.

Mas as ondas de calor estival não são as únicas responsáveis pela falta de água. As redes antiquadas originam, em média, 35 % de perdas nas condutas, até a água chegar às torneiras dos consumidores. As obras de modernização são urgentes e inadiáveis, mas as companhias italianas, dada a sua pequena dimensão, debatem-se para conseguir financiamento.

A intervenção do BEI revestiu a forma de um empréstimo-quadro de 200 milhões de EUR de apoio a investimentos em infraestruturas de abastecimento de água e de tratamento de águas residuais em toda a Itália. Permitirá o financiamento de quatro a oito projetos no setor da água, de valor compreendido entre os 30 milhões de EUR e os 100 milhões de EUR cada. «As pequenas companhias de água são consideradas demasiado arriscadas para financiamento direto», afirma Despina Tomadaki, a gestora de empréstimos do BEI encarregada da operação, «mas o Plano de Investimento para a Europa torna este financiamento possível». «Esta é a primeira operação deste género vocacionada para as companhias de água de pequena e média dimensão», acrescenta.

Os serviços de água em Itália estão regulamentados pelo Estado e organizados em função de 64 áreas de serviço. Mais de 2 700 operadores prestam serviços a cerca de 7 700 municípios. As grandes companhias servem perto de 50 % da população. Todavia, a maioria dos operadores são de pequena dimensão, de forma que lhes é difícil candidatarem-se a empréstimos. Por esse motivo, o défice de investimento entre as obras necessárias e as obras efetivamente realizadas no setor da água italiano tem vindo a aumentar há anos, cifrando-se, atualmente, em cerca de 3 000 milhões de EUR por ano. O empréstimo-quadro do BEI ajudará a reduzir este défice.

Algumas regiões de Itália debatem-se com especiais dificuldades para obter financiamento. «O empréstimo-quadro beneficiará as empresas da Itália central e meridional cujas



necessidades de financiamento são maiores», esclarece Patricia Castellarnau, a economista do BEI que trabalhou nesta operação.

O empréstimo-quadro deverá apoiar cerca de 2 000 novos postos de trabalho, ajudando por essa via as populações e empresas locais.

Até ao final de 2017, tinham sido assinadas duas operações ao abrigo deste empréstimo-quadro: um empréstimo de 50 milhões de EUR à Brianzacque, que opera em Monza e em Brianza na região da Lombardia; e um empréstimo de 20 milhões de EUR à AMAP, uma operadora de Palermo.

Mais informações em linha sobre o BEI e as Infraestruturas

- Descubra o que é um *metroguagua* em Las Palmas eib.org/metroguagua
- Acompanhe a reabilitação de alguns edifícios históricos de Bratislava: eib.org/bratislava-urban-renewal



Clima e ambiente para um futuro SUSTENTÁVEL





16,7 mM EUR

para o ambiente.

Este montante inclui a biodiversidade, a qualidade do ar e da água, a segurança dos transportes, as energias renováveis e a eficiência energética.

O Banco afeta mais de 25 % do volume de financiamento total a empréstimos de **ação climática**, em todos os seus domínios de atuação.

Em 2017, o BEI financiou projetos de ação climática no montante de **19 400** milhões de EUR.

Isso corresponde a **28,2** % do volume total de financiamento.

- Energias renováveis – **4 400** milhões de EUR
- Eficiência energética – **4 800** milhões de EUR
- Transportes menos poluentes e mais ecológicos – mais de **7 100** milhões de EUR
- Investigação, desenvolvimento e inovação – **1 000** milhões de EUR
- Medidas de atenuação nos setores florestal, dos resíduos e das águas residuais – **500** milhões de EUR
- Medidas de atenuação noutros sectores – **700** milhões de EUR
- Adaptação às alterações climáticas – **800** milhões de EUR

* Estes valores estão sujeitos a auditoria externa.

Os Montes Ródopes, na Bulgária, local de realização de um dos projetos-piloto de conservação da natureza da Rewilding Europe

Juros em forma de cavalos selvagens

Uma nova solução para a biodiversidade traz espécies primitivas de volta à vida

Os Montes Ródopes, na Bulgária, superam os 2 000 metros de altitude, com gargantas fluviais profundas e penhascos íngremes que se estendem por quase 15 000 km². Albergam um dos locais de reprodução mais importantes para o abutre-do-egipto, uma ave necrófaga ameaçada de extinção em todo o mundo, e o único no país para o grifo-comum.

Os Montes Ródopes integram uma rede de oito sítios-piloto designada por «Rewilding Europe», inspirada numa nova visão de conservação da natureza. Dada a progressiva migração das populações para os centros urbanos, a Rewilding Europe utiliza as áreas rurais onde a população está em diminuição e restitui-as à vida selvagem, restaurando ecossistemas autossustentáveis que são vitais para a biodiversidade e desenvolvendo, ao mesmo tempo, economias novas baseadas na natureza.

Acontece que a Rewilding Europe tem uma oportunidade de negócio que o BEI está a financiar com um empréstimo de 6 milhões de EUR, concedido com o apoio do Mecanismo de Financiamento do Capital Natural, instituído pelo BEI e pela Comissão Europeia. «Existe o reconhecimento crescente de que as subvenções públicas não são suficientes para cobrir os custos dos esforços de conservação», afirma Jane Feehan, gestora de investimentos do BEI na área do ambiente e do clima. «A Rewilding Europe tem a natureza no coração, mas está também a construir um modelo de negócio sólido e pode agora contrair empréstimos para expandir as suas atividades.»

Nos Montes Ródopes, foi iniciada uma cooperação com empresários locais para fomentar o turismo de natureza em pequena escala através de várias iniciativas, como a reparação de esconderijos para fotografia de vida selvagem, a formação de empresários locais e a demonstração do valor comercial da natureza selvagem. O objetivo último consiste em financiar a renaturalização da região e em pôr cobro ao envenenamento, à caça furtiva e à eletrocussão em linhas elétricas, que reduziram o número de grifos-comuns a apenas dez casais.

A Rewilding Europe introduziu uma unidade canina anti-envenenamento para detetar situações de risco para os grifos. Está a construir ninhos artificiais para atrair abutres negros e, assim, constituir novas colónias. Colabora também com empresas de eletricidade locais, tendo em vista o isolamento das respetivas linhas de transmissão. Embora os habitantes locais usassem iscos envenenados para manter reduzida a população de lobos, a Rewilding Europe introduziu gamos e veados, de modo a au-

mentar a população de presas naturais para os lobos. Isto é essencial para atrair os abutres, pois estas aves alimentam-se de restos de carcaças abandonadas pelos lobos.

E qual é a reação dos habitantes locais? «Estamos, obviamente, a envolvê-los nesta nova abordagem», afirma Wouter Helmer, responsável pela renaturalização na Rewilding Europe. «Existem cada vez menos pastores nesta zona. Os poucos que restam percebem que, ao introduzirmos veados na região, também estamos a afastar os lobos dos seus rebanhos de ovelhas e de gado, pois é sempre mais fácil para os lobos caçarem animais selvagens.»

Os habitantes locais também compreendem que os esforços de renaturalização ajudam a diversificar os seus rendimentos, atraindo turistas da capital, Sófia, e de fora do país. Isto significa negócio para o alojamento local, para além de uma melhor gestão do gado. «Eles sabem que um lobo vivo vale mais do que um lobo morto», declara Wouter Helmer. «Assim, o nosso trabalho ajuda-os a repensar a o seu relacionamento com a natureza.»

Reintroduzir uma espécie primitiva entretanto extinta

As oportunidades turísticas não se resumem aos esconderijos fotográficos nos Ródopes. Na realidade, a Rewilding Europe lançou a European Safari Company. Comparada com as espécies africanas habitualmente associadas aos safaris, o que pode a fauna europeia oferecer de tão fascinante? Já ouviu falar do auroque? Trata-se do ancestral selvagem do boi doméstico que se encontra representado nas pinturas rupestres. Este animal de grandes chifres chegava a atingir 1,80 metros de altura e pesava mais de uma tonelada. Na mitologia grega, Zeus tomou a forma de um touro auroque para seduzir e raptar a bela princesa Europa, dando assim origem ao nosso Continente.

Os auroques surgiram durante o período geológico que hoje designamos por Pleistoceno e extinguiram-se há cerca de 400 anos, mas os seus genes vivem ainda, e prosperam, em certas raças bovinas antigas. Parte da missão da Rewilding Europe passa pela utilização destes bovinos ancestrais para criar o Tauros, uma espécie de boi selvagem, aparentada com o auroque e apta a sobreviver na natureza. Que tem este projeto de tão importante? «A biodiversidade precisa de paisagens diversificadas», esclarece Wouter Helmer. «Não só de florestas,



O apicultor premiado Sanjin Zarkovic na sua exploração apícola em Melnice, na Croácia, abrangida pelo projeto Rewilding Europe

A Rewilding «ajuda-os a repensar o seu relacionamento com a natureza».

mas também de campos abertos. Agora, pela primeira vez na história, chegámos a um ponto em que deixou de existir pastoreio em muitas regiões, de forma que a diversidade das pastagens originais com as suas flores, aves e borboletas deixou de ser mantida pelos seus arquitetos naturais.»

Originalmente, o auroque foi uma das espécies protagonistas na conservação dessas paisagens. Paralelamente, e de um modo especial nos últimos milénios, esta tarefa tem sido parcialmente realizada com a ajuda dos agricultores e dos seus gados, mas tem os dias contados, pelo menos no seu modo tradicional de pastoreio em prados. Com cada vez menos agricultores a cultivar os campos, existem grandes espaços onde os herbívoros naturais, como os auroques, estão extintos e o número de efetivos de gado doméstico é também muito reduzido. «Nós decidimos tentar reintroduzir os herbívoros originais», afirma Wouter Helmer.

Explica que 99 % dos genes dos herbívoros originais se mantêm nas raças domésticas dos nossos dias, de modo que o Programa Tauros tem vindo a utilizar várias raças primitivas para criar um bovino mais resistente que possa sustentar-se por si. Existem, atualmente, várias centenas de animais assim criados,

e os primeiros resultados da sua introdução no meio natural são promissores.

Os cavalos selvagens libertados nos Ródopes, bem como os novos Tauros «parentes» dos auroques e os bisontes europeus fazem, todos eles, parte de outra inovação lançada pela Rewilding Europe: o European Wildlife Bank. «É muito semelhante a um banco de verdade», informa Wouter Helmer. Os proprietários rurais podem tomar de empréstimo cavalos primitivos para pastarem nas suas terras e devolvem, decorridos cinco anos, metade da sua manada. Como uma manada cresce geralmente cerca de 25 % ao ano, o banco recebe um número de cavalos superior ao que emprestou, e o proprietário mantém um efetivo igual. «É uma taxa de juro que pode considerar-se bastante interessante», observa Helmer.

Se o proprietário demonstrar que aumentou a área de pastagem disponível para os cavalos selvagens, pode manter as crias dos cavalos por mais cinco anos.

Uma cidade verde exemplar

A cidade de Essen já foi sinónimo de poluição industrial. Agora recebeu o título de «Capital Verde da Europa». Eis o segredo desta cidade alemã para uma revolução ambiental.

Ao tempo da reunificação alemã, dois terços das águas residuais de Essen escorriam para o rio Emscher. Os matadouros descarregavam vísceras e as siderurgias escórias, convertendo o rio em depósito de excrementos e metais pesados. A Emschergenossenschaft, fundada em 1899 por 19 municípios e numerosas empresas como primeira associação de gestão de águas residuais da Alemanha, elaborou um **ambicioso plano para restituir o rio ao seu estado natural**. A tarefa era hercúlea, mas cumpriu-se.

Uli Paetzel, diretor-geral da Emschergenossenschaft, leva agora os filhos aos verdejantes parques infantis implantados nas margens do rio. «Trata-se da maior tentativa na Europa para restaurar completamente uma paisagem fluvial, transformando-a num motor de alterações estruturais», afirma. «Estamos a restituir o rio aos cidadãos.»

Em 2017, a Comissão Europeia nomeou Essen Capital Verde da Europa, um prémio anual atribuído a uma cidade que esteja na vanguarda da vida urbana ecológica. **A antiga cidade mineira dispõe agora de um parque público de 23 hectares, água de elevada qualidade e restrições ao tráfego no centro da cidade.** «Fuligem, sujidade, maus odores e nuvens de fumo a sair das chaminés – é esta a imagem que as pessoas de fora ainda associam a Essen», declara Matthias Sinn, chefe dos serviços municipais de ambiente. «Mas Essen está mais bela e verde do que poderia imaginar-se. Todos os parques e planos de água nos inspiram um verdadeiro entusiasmo pela vida.»

De entre os progressos ambientais que valeram a Essen a atribuição do prémio Capital Verde da Europa destacam-se:

- 13 000 postos de trabalho no setor verde inovador
- 95 % da população vive agora a menos de 300 metros de zonas verdes urbanas
- 376 km de ciclovias
- 128 000 m² de estradas repavimentadas com asfalto otimizado em termos de ruído

Além disso, Essen estabeleceu objetivos ambiciosos:

- reduzir as emissões de CO₂ em 40 % até 2020
- 25 % de todos os trajetos serão feitos em bicicleta até 2035
- 20 000 postos de trabalho no setor ambiental até 2025
- reciclar 65 % da totalidade dos resíduos até 2020.

A «ecologização» de Essen inclui um projeto para construir 400 km de novos coletores de esgotos subterrâneos e renaturalizar 350 km de margens de rios. «O que impressiona neste projeto é a sua escala regional maciça, as suas obras de engenharia avançada e a melhoria da biodiversidade que proporciona», afirma Sebastian Hyzyk, economista do BEI.

O projeto tem um custo de 5 300 milhões de EUR, financiados em cerca de 30 % pelo BEI. Na sequência dos dois empréstimos anteriores, o Banco concedeu mais 450 milhões de EUR em 2017 para a continuação do projeto.





«Todos os parques e planos de água nos inspiram um verdadeiro entusiasmo pela vida.»



A reciclagem enquanto fonte preciosa de titânio para a Europa

Uma nova fábrica francesa preserva um recurso importante e protege o clima

O titânio deve o seu nome aos poderosos titãs da mitologia grega, dotados de grande força. Também é leve, não corrosível e flete sem quebrar. Estas propriedades fazem do titânio uma matéria-prima estratégica para numerosos produtos, nomeadamente peças da fuselagem dos aviões, mísseis, naves espaciais e blindagens de defesa.

O problema reside no facto de não ser fácil adquirir titânio na Europa ou reciclar de forma económica sucatas fora de uso. As grandes empresas, como a Airbus, costumam recorrer aos EUA ou à Rússia quando precisam de comprar titânio ou reciclar sucatas. Agora, uma nova unidade industrial francesa, a Eco-Titanium, está a solucionar este problema utilizando fornos modernos e outras tecnologias de ponta para reciclar titânio. O processo também contribui para preservar o meio ambiente, reduzindo as emissões, pois a reciclagem do titânio consome menos energia do que a refinação do respetivo minério.

«O titânio é um metal precioso e iremos melhorar drasticamente o seu fornecimento», avança Thomas Devedjian, diretor financeiro da Eramet, o grupo mineiro e metalúrgico que construiu a EcoTitanium na região vulcânica do centro da França.

A EcoTitanium utiliza a tecnologia mais recente em fornos de plasma e vácuo, com menor consumo energético do que outros métodos de fusão. Um forno de plasma funde substâncias com gás aquecido, ao passo que um forno a vácuo funde com ausência de ar para evitar a contaminação. O titânio exige dispositivos especiais de fusão por ser muito resistente ao calor.

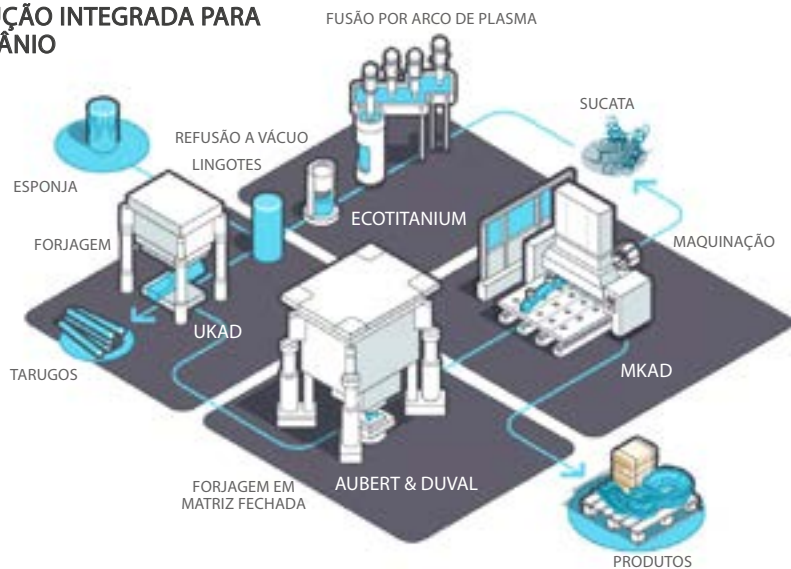
Menos custos e menos resíduos

O titânio não é um metal raro, mas tem um preço elevado devido à dificuldade da sua refinação. A sua produção requer muita mão de obra e calor extremo, o que o torna seis vezes mais caro do que o aço. A maquinaria do titânio dá origem a grandes quantidades de sucata, que é muitas vezes enviada para fora da Europa para reutilização. Na produção de certas peças de avião, 90 % do titânio acaba como sucata de fabrico.

A nova unidade de reciclagem, situada em Saint-Georges-de-Mons, produzirá uma liga de titânio de qualidade aeronáutica que é um pouco mais barata do que o titânio novo e origina menos desperdício. A fábrica evitará a emissão de 100 000 toneladas de dióxido de carbono por ano.



SOLUÇÃO INTEGRADA PARA O TITÂNIO



O Banco Europeu de Investimento financiou a unidade industrial com 30 milhões de EUR, apoiado pelo Plano de Investimento para a Europa. O custo total da fábrica ficou próximo dos 48 milhões de EUR.

«A Europa precisa deste tipo de inovação», afirma Mariateresa Di Giacomo, gestora de empréstimos sénior do Banco Europeu de Investimento.

O titânio é também utilizado na construção de cascos de navios, quadros de bicicletas e na indústria química. Este metal liga-se bem com o osso, pelo que pode ser encontrado em implantes dentários e próteses. O dióxido de titânio, o material utilizado para refinar o titânio metálico, é um excelente branqueador para tintas, protetor solar e pasta de dentes.

Para Mariateresa Di Giacomo, «este projeto é magnífico, pois tem de tudo um pouco – novas tecnologias, novos postos de trabalho, menos resíduos – além de contribuir para a economia circular.»



«A Europa precisa deste tipo de inovação.»

Mais informações em linha sobre o BEI e o Ambiente

- Saiba mais sobre os projetos ambientais do BEI, incluindo o financiamento inovador do Banco para a floresta irlandesa, em eib.org/irish-forests.

O protagonista global





7,91 mM EUR

em novos empréstimos
no **exterior da UE**

- Países vizinhos do Leste – **880** milhões de EUR
- Países da EFTA e do alargamento – **1 620** milhões de EUR
- Mediterrâneo – **1 960** milhões de EUR
- África, Caraíbas e Pacífico, PTU e África do Sul – **1 470** milhões de EUR
- América Latina e Ásia – **1 990** milhões de EUR

Uma nova vida para o Mar Morto

Israelitas, palestinos e jordanos unem forças para enfrentar a crise regional da água

Uma vez a cada duas semanas, as famílias da Jordânia abrem as torneiras e recolhem até quatro metros cúbicos de água potável em tanques nas coberturas das casas. É apenas um terço do volume de que necessitam – mas é tudo o que conseguem. «As pessoas sofrem imenso», revela Nabil Zoubi, diretor de projeto de um ambicioso programa de utilização das águas do Mar Vermelho para aliviar as carências e revitalizar o Mar Morto.

A Jordânia é um dos países mais áridos do mundo e carece de água potável suficiente para abastecer a sua população em crescimento e os 1,3 milhões de refugiados sírios que alberga. A falta de água é também um problema em Israel e na Palestina, que se está a agravar com as alterações climáticas. Entretanto, o desvio das águas que alimentam o Mar Morto causou

o «encolhimento» deste lago bíblico, desencadeando uma série de problemas ambientais.

No âmbito deste plano, a água salgada do Mar Vermelho será convertida em água potável. A salmoura – a solução altamente salina resultante da dessalinização – será transferida para o Mar Morto através de uma conduta de 180 km de extensão, ajudando a reduzir o declínio do nível das suas águas. A Jordânia terá água corrente três dias por semana, em vez das atuais oito horas a cada duas semanas.

Outro benefício do projeto: dado que o Mar Morto é o ponto mais baixo do planeta em terra seca, a água descerá com um desnível superior a 600 metros, gerando 32 megawatts de energia hidroelétrica por ano.



O BEI mobilizou um acordo de assistência técnica financiada pela UE no montante de 2 milhões de EUR para o projeto. O departamento do Governo francês que promove o desenvolvimento sustentável, a Agence Française de Développement, está a trabalhar com o BEI no sentido de assegurar o êxito do projeto.

Permuta e partilha de água

A ideia de uma conduta entre o Mar Vermelho e o Mar Morto remonta ao acordo de paz entre Israel e a Jordânia de 1994. Mas foi apenas em 2013 que Israel, a Jordânia e a Palestina assinaram um memorando de entendimento sobre o plano atual.

O projeto Mar Vermelho-Mar Morto contribui para a concretização da Iniciativa de Resiliência Económica do BEI, um importante programa destinado a fomentar o investimento na região. O BEI pondera também a concessão de um empréstimo de 60 milhões de EUR, a acrescentar ao financiamento das agências de desenvolvimento francesa, italiana e espanhola, ao Governo da Jordânia, para apoiar a sua contribuição para o projeto.

Este pacote financeiro conjunto da UE poderá ser combinado com uma subvenção de 40 milhões de EUR da Facilidade de Investimento para a Vizinhança financiada pela União Europeia. «A UE está a apoiar este imenso projeto com uma abordagem integrada», informa Andrea Fontana, Embaixador da UE na Jordânia. «Existem subvenções da UE, financiamento prometido pela Itália, França e Espanha, sob a coordenação da AFD e do BEI.» O projeto deverá ainda beneficiar de uma subvenção de 100 milhões de USD da USAID.

O BEI prevê também conceder um empréstimo de até 200 milhões de EUR à empresa que vencer o concurso para a realização do projeto.

«A Jordânia terá água corrente três dias por semana, em vez das atuais oito horas a cada duas semanas.»



Quando a Etiópia supera a Europa

Milhões de clientes beneficiam do M-Birr, um sistema mais avançado do que a tecnologia bancária móvel utilizada pela maioria dos europeus

Encostada à parede de barro da sua casa, Amadi recorda os dias em que costumava esperar na fila sob o sol escaldante da Etiópia para receber os seus pagamentos da segurança social. Muitas vezes, o dinheiro simplesmente não estava disponível, e Amadi, uma senhora idosa, tinha de fazer o longo caminho de regresso à sua aldeia a pé, sem dinheiro, apenas para passar pela mesma provação num dia diferente. «Havia muitos problemas. Foram tempos bastante difíceis», lembra. «Mas agora estamos numa situação muito melhor.»

Amadi é uma de dois milhões de etíopes que beneficiam do M-Birr, um serviço de banca móvel que deve o seu nome ao birr, a moeda do país. Agora, as prestações sociais do Estado são creditadas todos os meses diretamente na sua conta M-Birr móvel junto da instituição regional de microfinanciamento. Em vez de uma longa caminhada para receber o seu dinheiro, a idosa desloca-se a um agente bancário nas proximidades para fazer um levantamento. «Sou respeitada e recebo o meu dinheiro», declara.

O M-Birr pretende ser a ponta de lança etíope no fenómeno móvel que está a transformar os serviços financeiros para o comum dos africanos. No Quênia, mais de 40 % do PIB nacional é movimentado através do sistema de pagamento móvel M-PESA. Se descontarmos alguns países onde os serviços bancários móveis se conseguiram implantar, o continente ainda depende consideravelmente dos pagamentos em numerário. A logística não é fácil em África, pelo que uma rede móvel permite movimentar o dinheiro de forma segura e simples. «Os serviços móveis já provaram ser uma forma eficaz de aumentar a inclusão financeira», afirma Hannah Siedek, especialista do BEI em microfinanciamento.

Apoio do Pacote de Financiamento de Elevado Impacto

O BEI está a apoiar a próxima fase de expansão do M-Birr com um investimento de capital de 3 milhões de EUR – que poderá ser reforçado com mais 1 milhão de EUR – realizado a título do Pacote de Financiamento de Elevado Impacto, um instrumento financeiro de 800 milhões de EUR que permite ao Banco assumir em África, nas Caraíbas e no Pacífico riscos superiores aos dos projetos comuns. **É a primeira vez que o BEI**



Mareh, cliente do M-Birr na sua aldeia rural da Etiópia

«Para mim, é melhor assim.»

investe em tecnologia financeira móvel em África e fá-lo num coinvestimento com a DEG, uma filial do banco de desenvolvimento alemão KfW.

Antes de concluída a sua implantação em 2015, o M-Birr realizou um programa de um ano que permitiu a cinco instituições locais de microfinanciamento a prestação de serviços financeiros móveis. Os serviços M-Birr são prestados através de mais de 7 000 estabelecimentos, nomeadamente sucursais e agentes das instituições de microfinanciamento M-Birr em lojas, farmácias e estações de serviço em toda a Etiópia. A empresa, fundada por um francês e um irlandês, processa atualmente pagamentos de prestações sociais a mais de 750 000 famílias com cerca de três milhões de beneficiários,

servindo ainda 280 000 clientes que recorrem diretamente aos serviços financeiros móveis. É uma revolução para um país onde apenas uma em cada cinco pessoas tem uma conta bancária, mas metade da população adulta possui um telemóvel. «Desempenhamos um papel importante na inclusão social», afirma o presidente executivo da M-Birr, Thierry Artaud. «O investimento do BEI permitir-nos-á desenvolver a empresa ao mesmo tempo que promove o crescimento do país.»

Acesso aos benefícios dos serviços financeiros móveis

No exterior da loja, uma senhora idosa chamada Mareh tira um telemóvel de uma bolsa que traz pendurada ao pescoço. A maioria dos utilizadores do M-Birr compra um telefone barato por alguns dólares, mas aqueles que nem a esse luxo se podem dar têm a possibilidade de obter um cartão de raspar com um código PIN que introduzem quando efetuam o levantamento das suas prestações sociais nas agências M-Birr. Mareh gesticula

entusiasmada com o telefone à medida que enumera a lista de melhorias que o M-Birr trouxe à sua vida diária.

Tal como Amadi, Mareh ficava exausta depois das longas caminhadas até aos pontos de entrega dos pagamentos do Estado, que muitas vezes acabavam por não estar disponíveis. «Utilizar o telemóvel não é fácil para mim, mas o agente ajuda-me e eu recebo o meu dinheiro através do M-Birr», afirma Mareh. «Para mim, é melhor assim.»

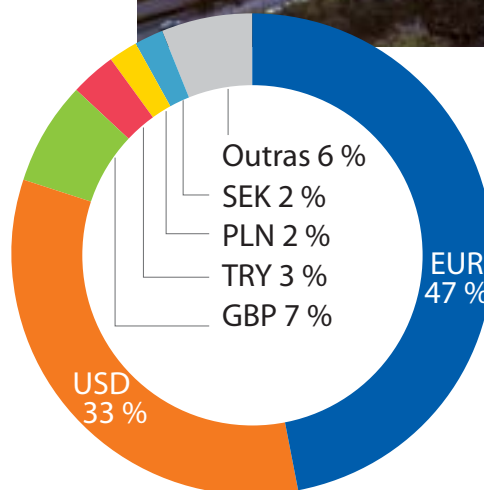
Num país com uma dimensão equivalente à superfície conjunta da França e da Espanha, é crucial a existência de uma rede mais alargada. «O M-Birr e os seus parceiros estão a proporcionar à Etiópia um universo de serviços financeiros móveis que terão um impacto tremendo no quotidiano dos seus utilizadores», declara Benoît Denis, economista na divisão de Economia Digital do BEI. «A empresa está, verdadeiramente, a satisfazer uma necessidade e quer alargar o acesso aos benefícios dos serviços financeiros móveis em todos os setores da economia. É precisamente para a concretização deste objetivo que o Banco pretende contribuir.»



Agência M-Birr numa aldeia etíope

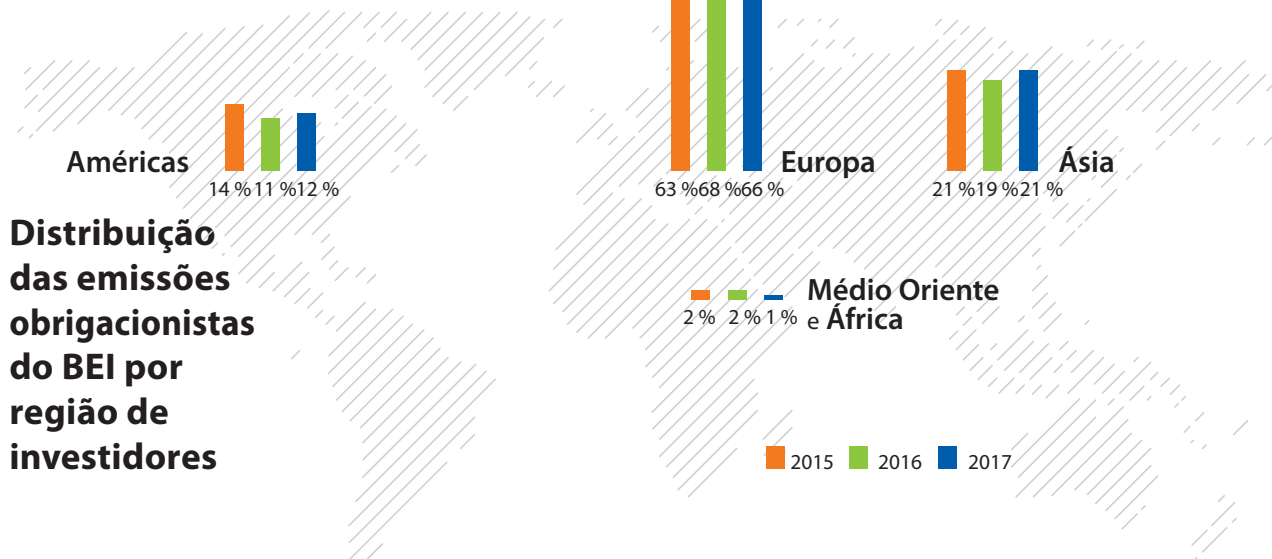
Origem dos **fundos** do BEI

O BEI, o maior mutuante e mutuário multilateral do mundo, captou 56 400 milhões de EUR nos mercados de capitais internacionais em 2017, para além de 3 800 milhões de EUR em pré-financiamento no final de 2016. Deste total, 4 300 milhões de EUR corresponderam a obrigações verdes, designadas por obrigações de responsabilidade ambiental. Este montante foi alcançado no ano em que o Banco comemora uma década desde que se tornou o primeiro emissor de «obrigações verdes». As emissões do Banco atraem investidores que, normalmente, não investiriam na Europa, mas que contribuem indiretamente para projetos europeus ao investirem nas obrigações do BEI.



O Banco emitiu obrigações em 15 moedas, tendo captado a maioria dos fundos nas principais divisas, nomeadamente EUR, USD e GBP. A diversidade das fontes e das durações confere flexibilidade à estratégia do Banco em matéria de captação de recursos. As emissões multdivisas permitem igualmente ao BEI proceder a desembolsos em algumas moedas locais.

Distribuição das emissões obrigacionistas do BEI por moedas



Distribuição das emissões obrigacionistas do BEI por região de investidores



Da China chegam boas notícias para o clima

Eis uma boa notícia para a ação climática. O mercado das obrigações verdes deverá continuar a expandir-se, agora que a China entrou neste mercado. «A China enfrenta enormes desafios ambientais, que devem ser levados a sério», explica Aldo Romani, especialista do BEI que estruturou a primeira emissão de obrigações verdes há exatamente uma década. «As obrigações verdes representam para a China um meio de estabelecer um vínculo cada vez mais significativo com os mercados internacionais para ajudar a resolver problemas globais.»

Representantes do BEI visitaram em 2017 a China para reforçar o apoio do Banco aos projetos climáticos naquele país. O BEI prevê aprovar empréstimos a numerosos projetos de ação climática em toda a China, nomeadamente nas áreas dos transportes urbanos, da silvicultura e da eficiência energética. O banco da UE e o banco central chinês acordaram também em trabalhar em conjunto na criação de um quadro comum para as obrigações verdes e para definir com mais clareza quais os projetos elegíveis. As duas partes esperam que o estabelecimento de uma linguagem comum reforce a confiança dos investidores chineses e internacionais.

A importância destes esforços foi sublinhada por ocasião da cimeira UE-China realizada em junho em Bruxelas, quando os representantes das duas partes expressaram o seu compromisso comum de combate às alterações climáticas. Ao cooperar em matéria de obrigações verdes com o comité chinês para o financiamento verde, o BEI contribuiu para o denominado Grupo de Peritos de Alto Nível sobre Financiamento Sustentável,

Pequim dá um passo decisivo no sentido das obrigações verdes

um fórum criado pela Comissão Europeia para prestar aconselhamento sobre formas de integrar a sustentabilidade nas políticas da UE.

Se as obrigações verdes estão agora em velocidade de cruzado, nem sempre foi claro que chegassem sequer a descolar. Aldo Romani recorda os dias difíceis vividos no seu serviço há uma década. A questão das alterações climáticas estava a tornar-se um tema candente na Europa, mas poucos pensaram que a ideia de uma «obrigação verde» pudesse ser uma das soluções. Muitos especialistas acreditavam que seria muito difícil ou controverso monitorizar e confirmar que os fundos captados através dessas obrigações eram realmente despendidos em prol do meio ambiente.

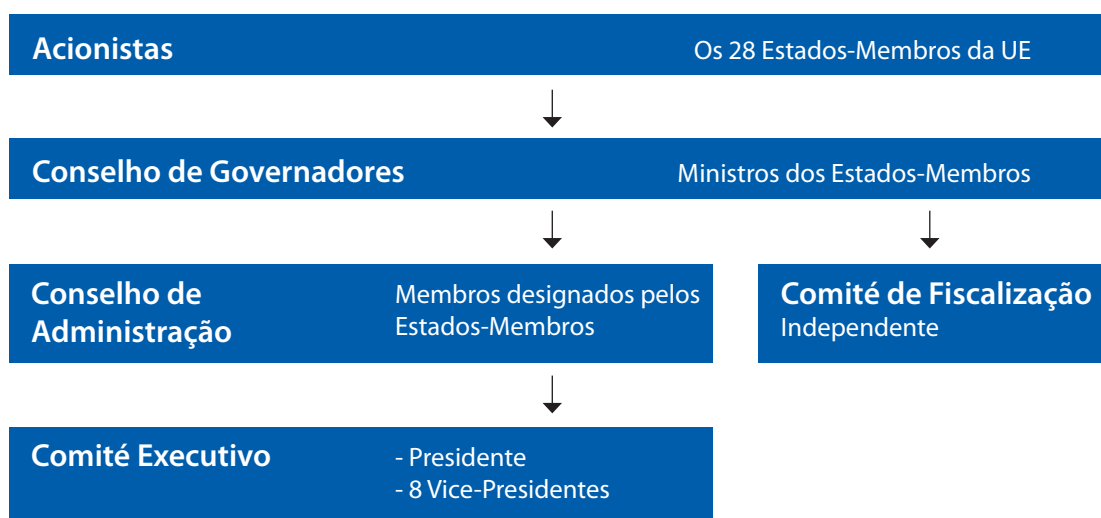
Em 2007, ninguém apostaria na durabilidade das obrigações verdes e as pessoas questionavam-se por que motivo o BEI era o único a suscitar o assunto», recorda Aldo Romani, gestor das emissões em euros no BEI. Hoje, o BEI celebra o décimo primeiro aniversário das suas primeiras obrigações verdes, um produto que é uma das maiores histórias de sucesso no financiamento climático.

Para ouvir em linha

- No *podcast* do BEI intitulado «A Dictionary of Finance», Aldo Romani explica em que consistem as obrigações verdes: eib.org/green-bonds-podcast

Uma **GOVERNAÇÃO** sustentável, reativa e vigilante

A estrutura de governação do BEI



Classificação do financiamento sustentável

O financiamento sustentável assenta em investimentos que levam em linha de conta considerações ambientais, sociais e de governação. Engloba, por conseguinte, os financiamentos destinados a evitar as emissões de gases com efeito de estufa e a combater a poluição, bem como a minimizar a produção de resíduos e a melhorar a eficiência na utilização dos recursos naturais.

O BEI está a coordenar um grupo de bancos multilaterais de desenvolvimento na elaboração de «Princípios comuns para o acompanhamento do financiamento das medidas de atenuação das alterações climáticas», que deverão incorporar os objetivos do Acordo de Paris. O Banco assumiu também um papel semelhante, em 2017, no âmbito da sua participação nos trabalhos do Grupo de Peritos de Alto Nível sobre Financiamento Sustentável,

instituído em dezembro de 2016 pela Comissão Europeia. Este Grupo tem por missão formular recomendações no sentido de ser adotada uma estratégia abrangente da UE em matéria de financiamento sustentável. No seu relatório intercalar, publicado em julho de 2017, este Grupo de Peritos sugeriu que o BEI deveria coordenar a elaboração de uma classificação para o financiamento das ações a favor do clima, começando pelas medidas de atenuação das alterações climáticas. Depois de





ter consultado as principais partes interessadas, o BEI elaborou uma proposta para um projeto de taxonomia em matéria de atenuação das alterações climáticas, contribuindo assim para os trabalhos em curso do Grupo de Peritos. No seu relatório final de janeiro de 2018, o Grupo de Peritos recomendou à Comissão Europeia a adoção de um roteiro 2018-2019 para a elaboração de uma taxonomia exaustiva em matéria de sustentabilidade. Este roteiro deverá basear-se, numa primeira

fase, nos trabalhos do BEI sobre atenuação das alterações climáticas, para considerar em seguida a adaptação a essas alterações, bem como outros elementos ambientais e sociais. Trata-se de um avanço fundamental no sentido de estabelecer definições claras, tendo em vista estimular o mercado dos produtos financeiros sustentáveis e reforçar o apoio às políticas públicas.

À escuta

O Mecanismo de Tratamento de Reclamações do BEI geriu mais processos em 2017 do que em qualquer exercício anterior.

Esta situação deve-se, em parte, ao facto de o Banco ter vindo a ganhar crescente visibilidade, o que suscita uma maior consciência do seu impacto ambiental e social e da existência do seu mecanismo de

responsabilização independente e público. É também o resultado do crescente número de operações complexas em que o Banco está envolvido e de alguns projetos bastante relevantes que deram lugar a múltiplas reclamações.



Acesso rodoviário ao porto de Mombaça

Habitacões em Mombaça cujos proprietários poderão ficar excluídos do acordo de indemnização

Em janeiro de 2017, o Mecanismo de Tratamento de Reclamações recebeu a primeira de 13 reclamações relativas à aplicação do plano de medidas corretivas adotado no âmbito do **projeto de acesso rodoviário ao porto de Mombaça, no Quénia**. Este plano tinha por objetivo indemnizar 120 proprietários de estruturas situadas na região de Jomvu, deslocados em maio de 2015 sem que tenha sido respeitado o procedimento exigido. Ainda que as pessoas afetadas tenham recebido uma compensação monetária, o Mecanismo de Tratamento de Reclamações apurou que a avaliação dos ativos não foi comunicada de forma transparente. Também é provável que algumas pessoas afetadas não tenham sido contempladas pela compensação. Em dezembro de 2017, os queixosos e o promotor do projeto chegaram a acordo quanto à intervenção do Mecanismo de Tratamento de Reclamações num processo de mediação a iniciar em 2018 para que seja clarificado o método de avaliação utilizado para calcular as compensações e revisto o resultado dessas avaliações.

O gasoduto transadriático

Conhecido pelas iniciais TAP, trata-se de um projeto relativo ao troço ocidental do Corredor Meridional de Gás, entre a fronteira greco-turca e a Itália, passando pela Albânia. As queixas começaram a chegar ao Banco nas primeiras fases do ciclo do projeto, tendo principalmente por objeto a avaliação das expropriações na Grécia e na Albânia. Aquando da avaliação do empréstimo, estas queixas foram analisadas pelos serviços do Banco. O Mecanismo de Tratamento de Reclamações recebeu uma série de queixas de indivíduos e comunidades em Itália expressando preocupação com os riscos ambientais e industriais do projeto. Em 2017, o Mecanismo de Tratamento de Reclamações recebeu 22 novas queixas de um total de 38 queixas relativas ao TAP.

Provedor de Justiça Europeu

Em 2017, o Provedor de Justiça Europeu informou o BEI sobre 11 novas queixas que recebeu relativas às atividades do Banco. Três das queixas diziam respeito a atrasos na resposta a reclamações já apresentadas ao Banco: a mina de níquel de Ambatovy, em Madagáscar; o projeto de armazenamento subterrâneo de gás «Castor» em Espanha; e a alegada omissão de proferir uma decisão numa investigação em matéria de conflito de interesses. O Provedor de Justiça arquivou este último processo, pois a queixa foi retirada na sequência da receção pelo queixoso da resposta do BEI. No entanto, o Provedor de Justiça realizou inspeções no local aos processos existentes no Banco relativos aos casos «Ambatovy» e «Castor». As conclusões do Provedor de Justiça deverão ser publicadas em 2018. No fim do ano, o número de queixas pendentes duplicou para um total de dez.



O Mecanismo de Tratamento de Reclamações do BEI em 2017

- **114** novas reclamações, mais 25 do que em 2016
- **103** reclamações consideradas admissíveis, mais 19
- **173** processos tratados, mais 51
- **101** reclamações pendentes no final de 2017, face a 59 no ano anterior

Revisão da política

Em maio de 2017, após conferenciar com o Provedor de Justiça Europeu, o Banco lançou uma consulta pública relativa à revisão da política do Mecanismo de Tratamento de Reclamações do BEI; em junho, o Banco apresentou ao público as alterações propostas, tendo ainda recolhido comentários escritos adicionais no final de setembro. Esta revisão periódica suscitou grande interesse junto dos particulares, nomeadamente das organizações da sociedade civil, que apresentaram uma carta conjunta enunciando observações e propostas detalhadas. O Banco está a analisar atentamente estes comentários com o objetivo de introduzir alterações na sua política durante o primeiro semestre de 2018.

O Metro do Cairo

No quadro do Mecanismo de Tratamento de Reclamações foi instaurado outro processo de mediação, em dezembro de 2017, relativo à execução do projeto **Cairo Metro Line**. O projeto envolveu a reinstalação involuntária de várias comunidades, empresas e particulares, incluindo mais de 100 proprietários de lojas do mercado El Bohy, no bairro de Imbaba. O Mecanismo de Tratamento de Reclamações recebera, já em 2016, uma queixa de representantes desses grupos, mas a situação agravou-se quando o mercado foi demolido em agosto de 2017 sem que a comunidade tivesse aceitado o programa de compensações. No momento da demolição, o Mecanismo de Tratamento de Reclamações havia já proposto uma mediação, na qual o promotor do projeto e as pessoas afetadas tinham aceitado participar. Se a mediação fracassar, as queixas serão apreciadas de forma exaustiva.

Sob vigilância

Em 2017, os investigadores do BEI detetaram diversas irregularidades.

A Divisão de Investigação de Fraudes do BEI, que atua com total independência, investiga fraudes, corrupção, bem como qualquer outra conduta proibida no âmbito dos projetos financiados pelo Banco. Esta divisão conduz análises proativas de integridade para identificar

casos não reportados anteriormente, além de ministrar formação aos membros do pessoal do Banco, sensibilizando-os e aconselhando-os em questões de prevenção e dissuasão de fraudes.



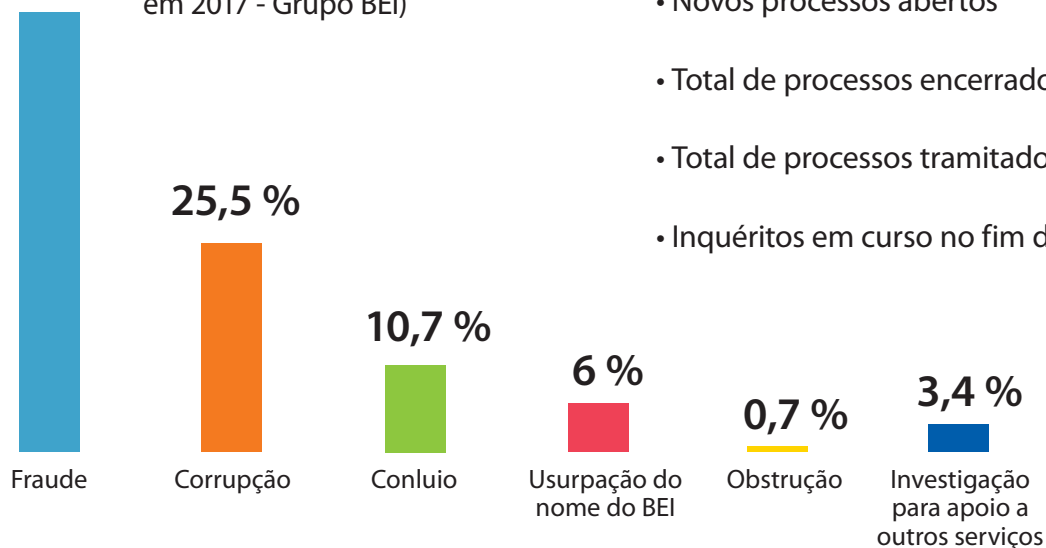
Em junho de 2010, o Gabinete letão para a prevenção e o combate à corrupção deteve diversos funcionários da sociedade «Latvenergo». Este Gabinete atuou com base na alegada utilização, de má fé, de cargos oficiais para fins de corrupção e branqueamento de ativos adquiridos por meios ilícitos. A Latvenergo havia adjudicado um contrato à empresa espanhola Iberdrola Ingeniería y Construcción, também conhecida como Iberinco, para a construção de uma central térmica em Riga, financiada pelo BEI. Na sequência de um inquérito criminal e de um processo judicial por corrupção e tráfico de influências que se sucederam às detenções iniciais, o Banco assinou com a Iberinco um acordo de transação em dezembro de 2017.

Nos termos desse acordo, a Iberinco fica excluída, durante um ano, de projetos financiados pelo BEI. A Iberinco e o Grupo Iberdrola dispõem-se a desenvolver e a aplicar um programa de patrocínio específico de luta contra a corrupção e a fraude. A Iberinco cooperou com o BEI ao longo da investigação no sentido de clarificar as questões relacionadas com os atos ilícitos. A empresa também adotou as medidas necessárias para que os funcionários respondam pelos seus atos e para rever os seus sistemas de controlo de conformidade no intuito de assegurar que tais condutas dolosas não se repitam.

Processo Iberinco

Tipologia das alegações

53,7 % (processos abertos em 2017 - Grupo BEI)



Processos tratados em 2017

• Novos processos abertos	149
• Total de processos encerrados	126
• Total de processos tramitados	302
• Inquéritos em curso no fim do ano	136

Fontes das alegações em 2017

(apenas para os processos abertos em 2017)

Internas 61 % Externas 39 %

Análise proativa de integridade dos empréstimos às PME

A Divisão de Investigação de Fraudes do Banco realizou diversas análises proativas de integridade a empréstimos concedidos a bancos para reempréstimo a PME, tanto na UE como no exterior. Essas análises revelaram:

- indícios de conduta proibida e infrações penais, tais como branqueamento de capitais;
- empréstimos de montante elevado a beneficiários alegadamente ligados ao tráfico de armas e à criminalidade organizada;
- empresas de fachada e empréstimos ligados a pessoas politicamente expostas;
- empréstimos a beneficiários que não preenchem os critérios de elegibilidade;
- interferências para contornar decisões relativas a créditos sem justificação económica;
- informações falsas e enganosas fornecidas pelos bancos ao BEI aquando da aprovação de afetações pelo BEI.

Fraude na Internet

Em 2017, no contexto de diversas operações de mistificação da interface («phishing») e de esquemas fraudulentos na Internet, o nome do BEI ou dos seus funcionários e administradores foi indevidamente utilizado para tentar induzir membros do público ao pagamento de taxas administrativas ou comissões de processo. Obviamente, na sua qualidade de instituição financeira internacional pública, o BEI não se faz pagar por tais serviços. Mais importante ainda, a propósito de tais esquemas fraudulentos, o BEI não concede empréstimos a pessoas singulares. A fraude incluiu o uso indevido do logotipo do BEI, do nome e da reputação da instituição, e-mails falsos e sítios *web* paralelos. Uma vez notificada sobre a ocorrência de tais abusos, a Divisão de Investigação de Fraudes do Banco exigiu prontamente a remoção destes *sites* do servidor de alojamento do domínio, bem como o encerramento das contas de e-mail falsas. O BEI aconselhou igualmente as vítimas a entrarem em contacto com investigadores especializados na aplicação das legislações nacionais.

Quais os planos para o futuro?

Eis alguns elementos essenciais do Plano de Atividades do BEI para 2018

- Objetivo para as novas assinaturas de empréstimos: 67 000 milhões de EUR
- O número de operações permanecerá inalterado, mas a respetiva dimensão será menor, dado que as atividades especiais de alto risco contribuem em proporção cada vez maior para o volume de empréstimos
- Atividades especiais: 17 300 milhões de EUR, ou seja, cerca de 25 % do volume total de empréstimos
- No interior da UE, o BEI recorrerá à sua experiência financeira e técnica para continuar a apoiar os objetivos estratégicos da UE de restabelecer a competitividade e o crescimento económico a longo prazo da União, bem como a criação de emprego
- No exterior da UE, os empréstimos centrar-se-ão na expansão das infraestruturas básicas, como sejam as rodovias e as redes de distribuição de eletricidade e de abastecimento de água
- Os serviços de consultoria continuarão a aumentar, prevendo-se a celebração de 530 contratos. Segundo as estimativas, estes projetos acabarão por suportar investimentos com um custo total de 28 000 milhões de EUR

É chegado o momento de concentrar esforços nos ajustamentos estruturais que tornarão a economia europeia mais resiliente, posicionando-a firmemente na senda do crescimento sustentável. O Grupo BEI, como veículo de investimento da UE, continuará a exercer um impacto evidente tanto no interior como no exterior da UE.

Mais informações em linha

- Poderá encontrar informações mais pormenorizadas sobre o Quadro Operacional e o Plano de Atividades para 2018 em www.eib.org/infocentre/publications/all/operational-plan-2018.htm



O **Grupo BEI** é constituído pelo Banco Europeu de Investimento e pelo Fundo Europeu de Investimento.

Banco Europeu de Investimento

98 -100, boulevard Konrad Adenauer
L-2950 Luxembourg

☎ +352 4379-1

☎ +352 437704

www.eib.org – info@eib.org

🐦 twitter.com/EIB

📘 facebook.com/EuropeanInvestmentBank

📺 youtube.com/EIBtheEUBank

Fundo Europeu de Investimento

37B, avenue J.F. Kennedy
L-2968 Luxembourg

☎ +352 2485-1

☎ +352 2485-81200

www.eif.org – info@eif.org

RELATÓRIO DE
ATIVIDADES

**20
17**

